

**DIA DOS DIREITOS HUMANOS**  
**Celebração dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem**  
**(DUDH)**  
**ONU 10 Dez 1948**

Ao celebrarmos esta data hoje, 10 Dez 2018, muitas questões afloram que nos dividem neste espírito de celebração : regozijo pelo acontecimento que foi um marco histórico após um período tão conturbado especialmente marcado na Europa como foi a II Guerra Mundial, e o desapontamento por tão pouco conseguido face as expectativas da sua proclamação há 70 anos atrás.

Afinal que percurso fizeram os Direitos Humanos, que hoje conhecemos, se atendermos a sua fase de emergência? Estiveram eles desde logo direcionados para o serviço dos menos protegidos ou salvaguardaram privilégios de classe alimentando lutas violentas que nada levaria a acreditar estarem ao serviço dos mais vulneráveis? Basta pensar-se no que se passou na Revolução Francesa até a sua emergência em documento.

Hoje outras questões se colocam: sim, eles os Direitos Humanos conforme a Declaração de 1948 e respetivos Pactos Internacionais o que nos trouxeram de positivo? Foram na verdade um referencial que alimentou movimentos de cidadania, autonomia de povos e estados, revoluções de trabalhadores e estudantes, reivindicações de mulheres violentadas, legislação de crianças negligenciadas, fundamento das mais diversas opções sexuais, oportunidades ganhas para quem passou a ter vez e voz dentre os grupos mais silenciados.

Mas vale a pena perguntar, e do referencial donde se partiu até onde se chegou, hoje? Uns mais, outros menos, “o caminho foi-se fazendo caminhando” sem duvida. Basta reparar na quantidade de convenções em defesa dos grupos mais vulneráveis, suas comissões de proteção e mecanismos de reclamação, sob a égide das Nações Unidas e quantos disso usufruíram ou como se pressionaram governos nacionais a prosseguir tais orientações.

Mas num mundo gerido pelos humanos não se permitem tréguas no que são desafios, ameaças, e também retrocessos muitas vezes disfarçados de grandes progressos para a humanidade...

Alguns órgãos internacionais, tem tomado em mãos medidas que procuram atenuar ou aliviar, numa ambição maior ainda, prevenir males maiores, como sejam retrocessos no que a DUDH de 1948 estabelece .

Falamos por exemplo da Comissão Europeia da UE , ao instituir o Pilar Europeu dos Direitos Sociais, documento assinado há 1 ano atrás ( Nov. 2017) em Gotenburg por todos os Estados membros.

Na opinião de muitos, este documento será fruto de uma consciencialização cada vez maior, de como se caminha para uma Europa que desvirtua muitos dos valores fundamentais da DUDH e a reboque do que noutros continentes vai acontecendo. Isto é, a emergência de um conjunto de valores mais direcionados para os direitos dos mais poderosos e opressores dos seus concidadãos, entendidos pelos seus eleitores como “salvadores de pátrias” , ignorando-se os riscos presentes e futuros não só para os próprios, como para outros estados Europeus quanto a um real deficit de democracia.

O Pilar Europeu dos Direitos Sociais, estabelece um conjunto de orientações por forma a trazer uma Europa mais Social, contemplando 3 dimensões de

intervenção prioritária: igualdade de oportunidades e acesso ao mercado de trabalho; boas condições de emprego; proteção social e inclusão, que depois se desenvolvem em 20 princípios, detalhando as necessidades presentes quotidiano de cada cidadão.

Ao analisar-se este documento pode entender-se como ele se direciona a dimensões da vida em sociedade de maior vulnerabilidade, até aos dias de hoje sem progressos notáveis, dadas as prioridades estabelecidas numa Europa mais preocupada com as questões de crescimento económico. O lema será pois, não mais social ou económico mas sim social e económico, juntos e em parceria.

Este documento embora sujeito a muitas críticas dada a fragilidade de algumas das suas apostas e tendo em conta os caminhos a percorrer face aos ainda elevados índices de pobreza, é contudo um desafio e exigir um compromisso dos estados membros e respetivos cidadãos, organizados nos seus grupos ou comunidades. Há que partir-se das competências de cada um no que a si diz respeito como profissionais, mas antes de tudo, como cidadãos.

Momento oportuno para este debate, aconteceu no passado mês de Novembro em que a maior plataforma europeia das organizações de cidadania, a Plataforma Social, trouxe a Lisboa os seus representantes, para celebrar o 1º aniversário do Pilar Europeu dos Direitos Sociais, alertando para as virtualidades do documento, chamando ao debate e partilha de boas práticas, representantes de Governos, das Instituições da UE, stakeholders e órgãos estatais portugueses, movimentos de cidadania, assim como organizações de terreno. Foi possível enriquecer a informação, delinear-se estratégias a partir de propostas pertinentes, angariando-se compromissos. Ficou claro que a realização dos Direitos Humanos, nas suas dimensões de Direitos Cívicos, Políticos, e Económicos, Sociais e ou Culturais são obra de todos, só alcançáveis cruzando saberes e experiências, num trabalho de parceria entre diferentes, salvaguardando o social e o económico. Afinal trabalhar na dimensão de baixo para cima, partilhando desejos, necessidades, para a construção de uma sociedade melhor em que cada um ou uma, em grupo, em família, em comunidades e etnias, se deverão manifestar e reivindicar o seu espaço. Numa economia e ou numa cultura que se designam de globalizadas é necessário que se globalizem também os Direitos Humanos para que a sua realização seja uma realidade.

Celebrar 70 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, implica não mais a crença ingénuo dos seus primeiros anos, mas a sabedoria e a maturidade de alguns anos de vivências, boas e menos boas realizações. Há que aportar uma visão crítica do que se pode com esta Declaração ou não pode, recusando-se uma perspetiva simplista da DUDH, coletando todas as suas mais valias até hoje alcançadas, reunindo outros parceiros, novas áreas de descoberta e estratégias a alcançar.

Novas necessidades despontam, em direção talvez, á realização de novos direitos, tendo em conta que o ser humano é um ser em mutação permanente e aprende todos os dias.

Parabéns a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 DEZ de 1948!

Graça André – Assistente Social